

SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DE

O SECULO



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SECULO, 43—LISBOA

## AS DUAS MANAS

«A Camara Municipal do Porto  
tem procedido a experiencias sobre  
o pão de batata...»

*Dos jornaes.*



A de Lisboa:

— *Que diabo estás tu a fazer?*

A do Porto:

— *A ganhar a vida honradamente. E tu?*

— *A gosar...*

## PALESTRA AMENA

## Os tres santos

Os estoiros das bombas, o cruzar dos balões de papel de seda pelos ares, o rabiir das bichas, o sanguineo repuxar dos mijaretos, tudo isso que durante o mez de junho dos outros anos alegrava a cidade, não é agora senão uma recordação, que aparece tão raramente que faz tristeza—a tristeza da agonia, mais penosa do que a da morte. Estamos em vespera de Santo Antonio e quasi ninguem dá por tal acontecimento; as raparigas vão pacata e arrastadamente ás fontes, sem receio de que o santo lhes quebre as bilhas e os peixes não acodem á superficie das aguas, sabendo que ninguem lhes prégará sermões. Este ano Santo Antonio conservar-se-ha no logar que lhe foi marcado nas regiões celestes, não se atrevido a descer á terra, onde a sua integridade correria perigo—o que seria o menos, porque os martires são destemidos—mas porque tem a convicção de que a sua presença seria inutil e a sua prégação não produziria nenhum efeito aproveitavel.

Esta resolução do taumaturgo foi tomada, ao que parece, em conselho dos tres santos do mez. Juntaram-se Santo Antonio, S. João e S. Pedro e deliberaram deitar a terra ao desprezo. São cheios de bondade, misericordiosos, estão sempre prontos a perdoar, mas para que haviam de sacrificar o seu bemaventurado socego? Santo Antonio, no referido conselho, ainda chegou a aludir á sua patente de coronel do exercito portuguez, como argumento a favor da sua comparencia no globo terraqueo; mas a maioria dissuadiu-o, porque decerto não aceitariam nas trincheiras um tal ignorantão do moderno sistema de combater. S. João, havendo notado que não é ocasião de casar moças, apresentou mais outra razão, e de peso, para não vir: se cá lhe apanhassem o cordeiro, papavam-lh'o com toda a certeza.

Quanto a S. Pedro achou que, como pescador estrangeiro, decerto não lhe deixariam exercer o seu mis er nas aguas territoriaes portuguezas e como apostolo bem lhe havia bastado a semsaboria contada no *Quo vadis*, quando pretendeu convencer os humildes que deviam re-ignar-se e sofrer, porque no outro mundo seriam compensados. Não o crucificariam provavelmente, mas davam-lhe alguma sova que nem a careca se lhe aproveitava.

Depois, a verdade é que a reunião, como a dos agricultores entre nós, metteu politica. Os tres santos teem um crêdo comum, que é a Republica; são republicanos da gema. Mas Santo Antonio é todo Afonso Costa, é democratico dos quatro costados, tendo-se filiado por simpatia á lei da familia; S. João é camachista, porque estando habituado aos banhos do Jordão adora as pessoas asseadas, e S. Pedro é todo Antonio José, pela analogia da profissão: pescadores... de aguas turvas.

Ora aí é que bate o ponto. Da dis-

cordancia politica adveio a concordancia em não fazerem a viagem. Embezzerraram e começaram a empurrar uns para os outros:

—Ora vai tu.

—Eu não; vai tu.

—Vai tu, que eu não posso. Ai! ai! E não vem nenhum, com grande pezar da industria pirotecnica, já tão prejudicada por outros motivos, como seja, por exemplo, a concorrência que lhe faz a industria caseira, de bombas...

J. Neutral.

## A "ónião" agricola

Entre as varias «óniões» que fervilham na nossa terra, aparece-nos agora a «ónião» agricola, depois de milhares de tentativas de adherencia entre os seus membros, sempre falhadas porque não ha nada que se despege com mais facilidade do que os portuguezes.

Desta vez, porém, o cola tudo dos interesses reciprocos parece que vai fazer o milagre. Pelo menos é o que se depreende da ultima reunião dos lavradores, onde a cordialidade reinou sempre, n'uma atmosfera de serenidade e de paz paradisiacas.

Não houve facaldas, não se disprou



nenhum tiro de revolver—não consta pelo menos, que houvesse baixas ao hospital.

Assim é que é: raro exemplo de fraternidade, a não ser algumas descomposturas, ameaças, invétivas, promessas de cabeças rachadas, e outras miudezas, mas tudo isso tão em surdina, tão docemente balbuciado que nem se distinguuiu, no meio da inferneira que mal se ouvia... a cinco quilometros de distancia.

0\$04

Sabem o que vem a ser 0\$04? E' o pataquinho, que tambem pôde ser designado por «zero, cifrão, zero, quatro», ou simplesmente por «quatro centavos».

Saudando calorosamente a nova moeda, apressamo-nos a indicar como se escreve, para que ninguem alegue ignorancia e fazemos notar que em riqueza de numerario—de variedade de numerario, queremos dizer—difficilmente outro paiz nos levará a palma.

Não temos ainda a moeda de seis centavos, mas se os governos continuarem n'este louvavel desejo de criar multiplos palpaveis do centavo, ella não se fará esperar.

E ainda bem, porque os tres vintens fazem muita falta para trocos.

## Padre infeliz

A lei da Separação poz os padres a pão e laranja, mas por essas provincias o foliar sempre lhes te «dado» para as primeiras necessidades.

Ora então, aconteceu que vagou ha um ano o logar de paroco n'uma freguezia do norte, por falecimento, e o que o substituiu—por sinal, grande pré-



gador—ficou desanimadissimo com o seu primeiro foliar: an ou uns poucos de dias de casa em casa com o sacristão, mas a bandeja apenas recebeu moedas de cobre e essas mesmas em escassa quantidade.

Foi o novo abade queixar-se ao regedor:

—Isto não chega a nada! exc'amou, mostram 'o á autoridade administrativa a fiquissima colheita. E' uma vergonha para um freguezia d'estas!

O egedor piscou o olho e disse:

—Porque não faz o sr. abade como fazia o seu antecessor?

—Então ele que fazia?

—Quando ia para o peditorio levava já na bandeja tres ou quatro corôas de cinco tostões; assim, os freguezes envergonham-se de dar cobre.

O paroco achou a idéa em extremo engenhosa e este ano, na ultima pascoa, pô-la em execução.

I feizmente o resultado não correspondeu de modo algum ao que era de esperar: no fim da colheita o padre ver ficou que na bandeja não só ninguem tinha deitado moedas de prata, mas até as suas proprias tinham desaparecido!

Correu a casa do regedor, apoplectico:

—Diabos levem o seu conselho! Roubaram-me os meus dois mil réis!

O regedor, encolhendo os hombros:

—Vossa reverendissima pode ser que seja grande prégador, mas não conhece os homens, como o outro abade que Deus haja. Punha efétivamente tres ou quatro corôas na bandeja—mas eram falsas...

Para crédito dos nossos catholicos, temos a avisar que esta anedota é de um jornal francez, adaptada por nós, por desfastio.

## Boa explicação

—Papá, pergunta um pequeno de seis anos ao pai, que é jornalista: que vem a ser «sinonimo»?

Sinonimo, meu filho, é uma palavra que se escreve em logar de outra cuja ortografia se não sabe.

## O sr. hipopotamo

Ha muito que o sr. hipopotamo—hipopotama, segundo outros—não dava que falar da sua importante pessoa. Mas como todos sabiamos que passava de saude, ninguem tinha cuidados de maior e cá iamovs vivendo, nós e ele, sem preocupações especiaes.

Ha dias, porém, apareceu nas folhas a noticia de que s. ex.<sup>a</sup> acabava de segurar a sua preciosa vida n'uma companhia de previdencia. E logo o receio entrou comnosco e mandámos bater para o Jardim Zoologico o nosso luxuoso electrico.

—V. ex.<sup>a</sup> vai segurar a existencia? interrogámos.

—Vou, não ha duvida.

—Mas... por acaso, teme pelos seus dias? vai correr algum terigo?

Pareceu-nos surpreendido no simpatico animal um sorriso de tristeza.

—Pr. meiro, ando neurastenico; uns poucos de mezes instalado n'um casebre de pouco ar, transpirando constantemente, sempre alimentado a chichoria, o invariavel cumprimento dos visitantes: «E' muito feio», tudo isto me tem agitado os nervos...

—Chamou medico?

—Veiu aí o Paula Nogueira; tomou-me o pulso, viu-me a lingua, auscultou-me e concluiu pela neurastenia. Mas não é por isso que me segu-ro...

—Então porque é?

—Por via da crise das subsistencias.

—Ah! tem medo da fome? receia que faltem as hortaliças?

Receio, sim, senhor.

—Comerá outra coisa qualquer...

—Não é isso; não tenho medo que me falte a comida a mim, mas aos outros.

—Ficam-lhe excelentemente esses sentimentos.

—Tambem não é por sentimento que assim penso. E' porque continuando a faltar as subsistencias, não é temerario supor que o povo, esgotadas as mercearias, os talhos, etc., volte os seus olhos para o Jardim Zoologico e nos faça em postas...

Tentámos ainda socegal-o:

—Qual! De mais, a policia não deixará de guardar as portas do Jardim...

—Bem sei, disse ele, abanando a cabeça incredulamente. Guarda, mas é depois de estarmos comidos!

Não nos atrevemos a responder á objeção e retirámo-nos, depois de termos concordado em que s. ex.<sup>a</sup> fez muito bem em segurar a vida.

## Graça alheia

Um pequerrucho de 5 anos, de familia abastada, brinca n'um jardim publico. Para um pequeno da mesma idade, mal vestido, que está tambem brincando:

—Não sabes? a minha mãe comprou-me hontem um irmãosinho.

—Pois a minha, como não tem dinheiro para os comprar, fa-los lá em casa...

## EM FOCO



## BRAMÃO D'ALMEIDA

Autor do livro «Cantigas»

Desejo apresentar á sociedade Um primoroso vate, o das «Cantigas» Com varios beliscões ás ra arigas Mas todos ao de leve, sem maldade.

Fizeram-me lembrar a mocidade, Viver as minhas horas mais amigas, Sons perdidos na bruma, tão antigas Que mal as resuscita uma saude.

E' condão aos poetas concedido Dar a frescura á flôr que não viceja, Reacender nas cinzas o brazido.

De novo um sol acolhedor me beija, Ha muito em densas nuvens escondido, Que o poeta rasgou. Bemdito seja!

Belmiro.

## Uma que parece do Marques

O dr. Alturas é conhecidissimo por ser um fisionomista emerito. Por uma simples feição, que a qualquer outro passaria desprecebida, ele descobre logo o grau de parentesco entre duas pessoas: «Você é irmão de Fulano»... «E' primo de Cicrano»... «E' avó daquele»... «E' filho daquela»...

E caso é que nunca se engana.

Posto isto, contemos o extranho caso.

O dr. Alturas foi condiscipulo do dr. Felizberto, mas acabada a formatura cada um foi para seu lado e só ha oito dias, depois de longa ausencia, se tornaram a encontrar.

O dr. Alturas atravessava a rua do Ouro, quando dá de cara com o dr.



Felizberto acompanhado de uma senhora.

Exclamação de jubilo e apresentação da dama, pelo dr. Felizberto:

—Apresento-te minha mulher, meu caro.

O dr. Alturas, sorrindo:

—Não precisavas de o dizer. Conheci logo pela cara que é tua esposa: são parecidissimos...

## Livros, livrinhos e livrecos

*Contos do vigario*, por Armando Ferreira—Alegre livrinho é este, com engraçado prefacio de André Brun e capa desenhada artisticamente por Alfredo Moraes. Por tudo isto merece lêr-se a pequena obra.

*Dez contos em papel*, por André Brun E' a 3.<sup>a</sup> edição—quer dizer, as pessoas de bom gosto, em Portugal, são já em numero rasoavel. Parabens, posto que, esgotando os livros de André Brun, não façam mais que a sua obrigação.

*Do amor e da morte*, contos de Rui Gomes—A pessoa a quem o autor remete o livro está, provisoriamente, afastada de trabalhos literarios. Entretanto não quer deixar de acuar a receção, agradecendo.

*A dama das Camélias*, de A. Dumas, filho Envia-nos a Empreza Lusitana Editora, que, benemeritamente, está publicando as obras primas da literatura un versal, este notavel romance do simpatico e prometedor autor francez. Se continuar estudando A. Dumas, filho, deve criar nome.

*A bibi e a b neca*, de D. Cacilda de Castro—E' um monologo em quadras, d'uma encantadora ingenuidade, editado por Arnaldo Bordalo, que ao mesmo tempo nos manda *O cinematograo*, comedia italiana traduzida por Acacio Antunes. Obrigadinhos.

## Cantigas

Moe o trigo, moleirinha,  
Não môas meu coraçon;  
Olha que para moinha  
Chega bem esta paixão.

Menina é d'estas palavras  
Tão puras, tão cristalinas,  
Que até aos sinais dos olhos  
O povo chama meninas.

Doente do coração,  
Um doutor fui consultar;  
Receitou-me a tua mão,  
Dou-te a receita a aviar.

Ha tres pessoas distintas  
E só um Deus verdadeiro.  
Ha muito amor n'esta vida  
Mas nenhum como o primeiro.

Toda a minha desventura,  
Se eu contasse o que a causava,  
Até a rocha mais dura  
Com certeza que chorava.

As penas que por amor  
Ha mezes soffro comigo  
Não as dê Nosso Senhor  
Ao meu maior inimigo.

Palavra fóra da boca  
E' pedra fóra da mão:  
Tu tens-me dito palavras  
De cortar o coração.

(Do livro «Cantigas», de Bramão de Almeida)

# MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

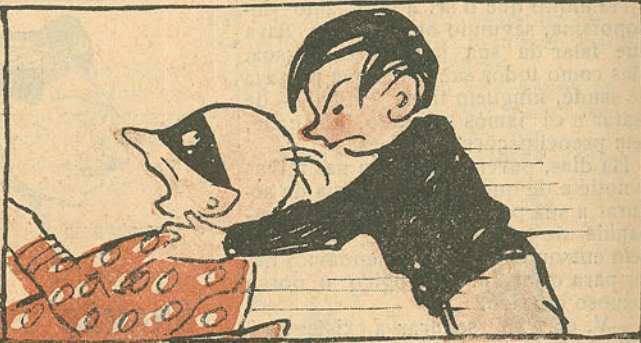
4.ª PARTE

O Quim e a bomba  
(CONTINUAÇÃO)

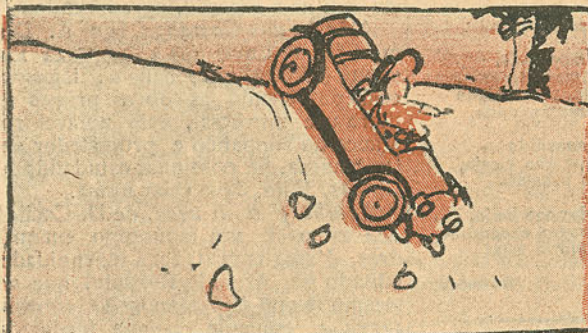
2.º EPISODIO



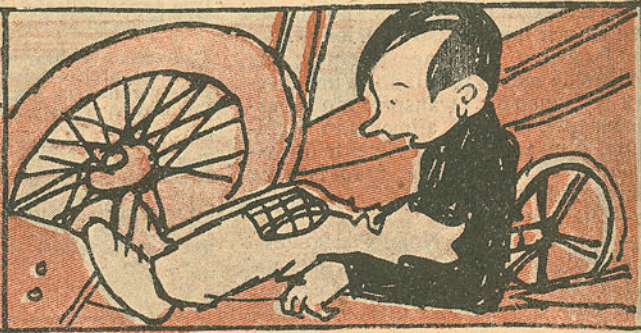
1.—No automovel o Quim, vendo pintado um olho na trazeira do carro, percebe que o *chauffeur* não é o Manecas.



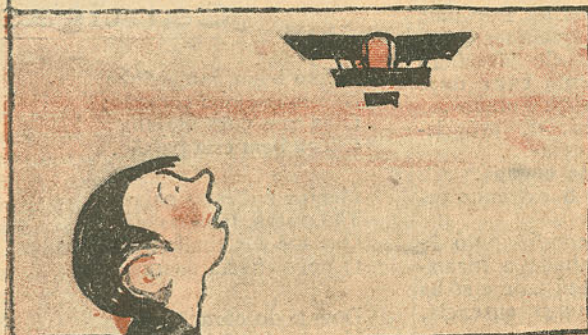
2.—Dar pelo engano e apertar-lhe o gasganete é obra d'um momento.



3.—Sem governo, o automovel despenha-se, com tresentos mil diabos!



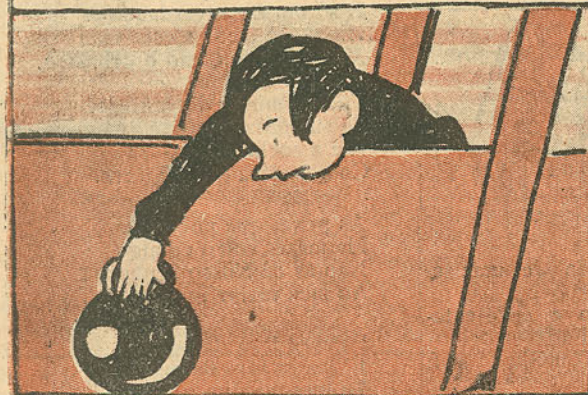
4.—O Quim fica indemne entre os escombros e o *Nariz de Folha* raspa-se, safá-se, misca-se, põe-se na alheta...



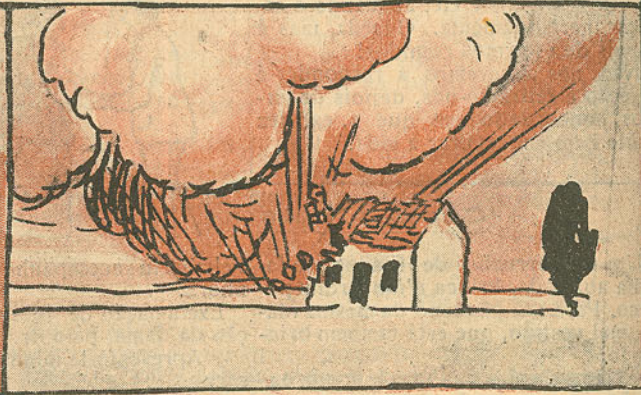
5.—N'isto o Quim avista além, no horizonte, um aeroplano e chama-o desesperadamente.



6.—Pede ao aviador que o transporte, este acede e a bordo o Quim reconhece que é um d'estes aeroplanos que transportam bombas.



7.—Pelo que, avistando na superficie terrestre a casa da quadrilha do Olho Vivo, arremessa uma bomba



8.—que vai cair na casa. mal pensando o Quim que n'ela se encontra o Manecas. Escapará este ao efeito da bomba? Ver-se-ha.

(Continua).